

LÍNGUA VERNÁCULA

Sugestões Metodológicas para a Execução do Ensino de Português

Prof. ISMAEL LIMA COUTINHO

(Com o presente número iniciamos a publicação de uma série de estudos do Professor Ismael Lima Coutinho sobre a aplicação das Instruções Metodológicas do Programa de Português para os cursos ginasial e colegial.

Nesta série serão apreciados os seguintes aspectos :

I — A Leitura

II — Os Exercícios Escritos : Redação, Composição e Análise Literária

III — A Gramática

IV — Literatura

V — As Provas

É pensamento da Diretoria do Ensino Secundário posteriormente reunir os estudos em um opúsculo para uso dos professores de Português do curso secundário).

A linguagem, quer a oral quer a escrita, é o instrumento de que o homem se serve para comunicar-se com os seus semelhantes. É principalmente, por seu intermédio, que se estabelece e se expande o seu espírito de sociabilidade. É tão verdade isso que não há exemplo de sociedade humana, na face da terra, que não a possua. Mas não é tudo. É também a linguagem o veículo pelo qual o indivíduo adquire a necessária noção das coisas e o conhecimento da ciência, sem o que não seria possível o progresso.

Discute-se muito se o homem poderia pensar, se não fôsse dotado de linguagem. A verdade é que, se ela não é o próprio pensamento, como querem alguns, é pelo menos, a condição necessária para o ato de pensar. É o que nos diz John Dewey: "A linguagem é um instrumento necessário para o ato de pensar. Se a linguagem não é o próprio pensamento, é graças a ela que este se torna possível e se pode comunicar".

Cada povo, falando ou escrevendo, usa de um vocabulário e de uma gramática própria, o que equivale a dizer, tem uma língua, que lhe serve para exprimir o que pensa e o que sente. Os mais adiantados não fazem do idioma apenas um emprego utilitário. Ele é igualmente usado como instrumento de arte. Não basta a alguém falar ou escrever a língua com

correção, mas é mister que o faça com originalidade, graça e elegância.

O programa do ensino do Vernáculo tem vários objetivos, uns específicos, gerais outros.

São objetivos específicos: a) habilitar o estudante a falar e escrever corretamente o idioma; b) despertar-lhe o amor da língua e o gosto literário.

São objetivos gerais: a) contribuir para a educação moral e formação intelectual do estudante; b) cooperar para a criação de sua consciência patriótica e humanística.

A LEITURA

A leitura é a principal fonte de aquisição de conhecimentos para o aluno. Por seu intermédio, ele aprende a língua e adquire a cultura. O primeiro cuidado do professor deve consistir, portanto, na escolha do texto, que vai ser utilizado para a leitura em classe. Seria aconselhável que ele próprio procedesse a essa seleção, colhendo-o diretamente no original, mas acontece que isso nem sempre é possível, em face dos seus múltiplos encargos. Cumpre-lhe, pois, adotar uma antologia, que se recomende não só pelo critério seletivo dos autores e dos assuntos, mas também que tenha presente a idade e o interesse do aluno.

Na seleção dos textos para a antologia, é mister que não haja exclusividade para os trechos em prosa nem para os em verso. Antes, cumpre ter o organizador a preocupação de que os excertos sejam de ambas as espécies, para que, desde o início do curso, se habitue o aluno à sua leitura. No curso ginásial, devem os autores ser escolhidos entre os modernos e os contemporâneos. Trata-se de ensinar a língua que se fala no presente. Na primeira série do curso colegial, entretanto, poderão ser incluídos pequenos trechos de autores arcaicos ou medievais, é certo, com alguma sobriedade, de maneira que se dê ao aluno ensejo para apreciar, embora sumariamente, a evolução da Língua. É que, do programa respectivo, constam noções de gramática histórica. Nas duas últimas séries deste curso, faz-se necessário intercalar alguns excertos de autores clássicos, principalmente os mais representativos de cada época, para servir de ilustração nas aulas de história de literatura e, ao mesmo tempo, de subsídio para uma visão mais ampla da história da língua que falamos.

Os textos deverão conter sempre atrativos, acompanhando as variações de gosto do adolescente, em harmonia com as várias fases do seu desenvolvimento. A princípio, contos populares, historietas, fábulas, apólogos, ligeiras biografias de heróis, pequenas poesias líricas; depois, cenas da natureza, da vida humana, viagens, cartas, trechos de epopéias; finalmente, assuntos interessando à vida artística, social, econômica e política. Dêles extrairá o mestre os elementos necessários não só para o ensino da língua e a educação moral do aluno, mas também para a criação nêle de uma consciência patriótica. Nada mais adequado para isso do que, no momento da seleção, dar preferência aos textos que focalizem a terra, os homens, os animais, as plantas, as coisas e os problemas brasileiros.

Além disso, urge não esquecer o lado estético, de maneira que os excertos escolhidos possam despertar no estudante também o gosto das letras.

É prática aconselhável que, antes da leitura em voz alta, se recomende ao aluno a leitura silenciosa. Esta lhe permite fixar mais atenção ao que está lendo, ao mesmo passo que lhe dá ensejo para a necessária reflexão e memorização do assunto, em seus pormenores. Na leitura em voz alta, preocupado em ler bem, para não suscitar as críticas dos colegas, muitas vezes presta êle pouca atenção ao objeto da leitura e não raro acontece que, ao chegar ao fim, não sabe dizer o que leu. É costume, frequentemente observado entre nós, fazer participar da leitura de um mesmo texto vários alunos, o que não parece muito aconselhável, a menos que êle, por sua natureza, se preste para isso, como é o caso dos diálogos e dos pequenos trechos extraídos de comédias, tragédias ou dramas. Fora deste caso, convém que a leitura seja feita por um só aluno. O que fôr distinguido, com a escolha do professor, para tal tarefa, se sentirá estimulado com essa preferência e certamente tudo fará para não decepcionar o mestre. Além disso, a mudança de leitor provoca sempre uma leve interrupção, que poderá redundar na perda de interesse da classe.

O aprendizado da técnica da leitura se processa na escola primária; na secundária, é força que já esteja completo. Entretanto, verifica-se que isso nem sempre sucede. Compete então ao professor do curso médio suprir as deficiências do aluno: corrigir-lhe as articulações viciosas, os erros de prosódia; atentar para as omissões de palavras, sílabas e fonemas, ou, ao contrário, para as intercalações de elementos parasitários; coibir os hábitos da leitura apressada, demasiado lenta ou de ritmo irregular; determinar a observação das pausas, marcadas pela pontuação; acentuar a necessidade de variar a entoação, segundo a natureza da frase; numa palavra, exigir que a leitura seja clara, rítmica, expressiva. Deve-se ler sem afetação, naturalmente, no mesmo tom em que se conversa. A ênfase só se justifica em certas e determinadas circunstâncias. Geralmente isso acontece, quando há intenção manifesta de impressionar, o que se

verifica nos lances patéticos da epopéia, da oratória e do drama.

Pessoas há que só produzem depois do estímulo provocado pela leitura de uma bela página literária. A falta de assunto, que atormenta a maioria dos alunos, ao lhe ser exigido um trabalho de composição livre, é decorrente de sua pouca ou nenhuma leitura. É preciso, por conseguinte, ler os bons autores, compulsar a obra dos mestres, que possuíram o talento criador e o dom da expressividade, não só para assimilar-lhes as idéias e os pensamentos, mas também a forma de vesti-los superiormente. Quem assim proceder jamais terá motivo para queixar-se de incapacidade para falar ou escrever. Compete aos mestres criar no discípulo êsse hábito salutar, que lhe encherá de alegria as horas de tédio e de aborrecimento.

A leitura deverá constituir o centro de interesse, em tórno do qual girem todos os exercícios escolares, tendentes a capacitar o aluno ao bom manejo do Idioma. A habilidade do professor consistirá em aproveitá-la ao máximo, extraindo dela todo o fruto possível. Um pensamento, uma idéia, uma palavra ou expressão, que nela ocorram, poderão servir-lhe de pretexto para compelir o aluno a falar, para provocar a classe a manifestar a sua opinião e, enfim, para estabelecer debates, onde a sua intervenção se fará sempre no sentido de tirar da ocasião todo o proveito para o ensino da Língua.

A leitura deve seguir-se a interpretação. É o único meio de aferir se o aluno entendeu o trecho lido. A interpretação assume dois aspectos: pode ser global e parcial. É global se abrange, de um só golpe, todo o texto lido; é parcial, se é feita a pequenos trechos, o que se admite, quando o assunto é demasiadamente complexo ou o texto de grande extensão. Como quer que seja, ainda no segundo caso, convém depois que o aluno resuma oralmente, o sentido geral do texto, como prova de que efetivamente o entendeu. Aproveitará o mestre êsse momento para prover às falhas de interpretação, corrigir os erros, deficiências, cacoetes e tiques de linguagem.

É a leitura uma excelente fonte para a aquisição do vocabulário. A palavra só tem vivência na frase. É aí que o seu sentido se precisa e se percebem os seus vários matizes semânticos. Tomada isoladamente, é um órgão sem vida. Portanto, é em combinação com as outras, no conjunto da frase, que se surpreenderá o seu verdadeiro sentido.

Cada palavra ou expressão desconhecida será convenientemente explicada. Não se passará adiante, sem que primeiro o aluno apreenda a sua significação exata, incorporando-a definitivamente ao patrimônio léxico individual. Como meio aferidor de que essa operação está perfeita, exigirá o mestre que o discípulo formule frases curtas, oralmente ou por escrito, neste caso de preferência no quadro negro, onde apareça a palavra em causa. Contribuirá êle eficazmente para enriquecer o vocabulário do aluno com o apêlo à prática de exercícios que tenham por objeto a sinonímia, a antonímia e os tórmos analógicos. Depois de verificar que o discípulo possui uma suficiente base latina e conhece os processos de formação das palavras, o que sucede a partir da terceira série do curso ginásial, será conveniente que, na ocorrência de radicais latinos produtivos, sugira à classe o levantamento dos principais membros de cada família etimológica. O desgaste fonético é, às vezes, tão grande que o único elemento de identificação é o semântico.

Na leitura, urge não esquecer também o aspecto ortográfico. Através da observação do texto, melhor se gravam as regras de ortografia. Em outros tempos, para os pecados nesta matéria, havia a desculpa de que não se tinha um código fixo de regras para a representação gráfica das palavras. Cada autor escrevia a seu modo, não raro obedecendo à fantasia ou ao capricho próprio. Hoje, porém, que o há, obrigatório por lei, já não se justifica a ignorância ou a negligência, neste assunto. O texto ensinará ao professor ocasião para focalizar o uso dos acentos e as principais dificuldades na aplicação do sistema vigente. Para melhor fixação dos preceitos orto-

gráficos, exercitará os alunos das primeiras séries do curso ginásial na prática de curtos ditados de trechos atraentes, no quadro negro, permitindo assim a correção coletiva. Em caso nenhum, será ministrada ao aluno lista de palavras, com grafia errada, para que ele ou a turma as corrijam.

O mesmo texto lido deverá fornecer a matéria para a análise. É de toda a conveniência que a análise sintática seja feita concomitantemente com a léxica. Se houvesse uma razão para a precedência, esta deveria caber à análise sintática. A linguagem é comunicação. Mas tal comunicação se faz através da frase. Logo, o estudo da frase, ou melhor, dos termos desta, é força que venha em primeiro lugar. A análise léxica não será exigida depois da segunda série ginásial.

Cumprir ter sempre em vista que o objetivo da análise é fazer claro o pensamento alheio. Períodos extensos e frases complexas, de difícil compreensão, perdem o seu caráter hermético, à luz da análise, tornando-se permeáveis à inteligência. Não há nenhuma vantagem em descer, neste assunto, a minúcias de classificação. Basta que se atente para os principais termos da proposição, cujas funções importa saber para o bom entendimento da frase. Assim, deve-se igualmente evitar o emprêgo de nomenclaturas complicadas, que confundem, quando não desnorteiam inteiramente o aluno. Com razão dizia Schuchardt que o fim da ciência é a simplificação, não a complicação.

No curso colegial, assume a análise o cunho filológico e literário. Na primeira série do clássico, cumpre destacar-se da leitura algumas palavras de fácil identificação etimológica, para que sirvam de base à apreciação dos fenômenos de fonética histórica. Determinada a forma originária latina, solicitará o mestre ao discípulo que assinale as modificações nelas operadas pela ação das leis fonéticas e da analogia. Nem deixará passar a oportunidade, que lhe oferece o momento, para acentuar a importância dos empréstimos, que revelam contactos entre povos, influências de uns sobre os

outros, intercâmbios comerciais e culturais. Nas duas últimas séries do colegial, de conformidade com o programa, se estudará o aspecto artístico da Língua, os reflexos que sobre ela tiveram as várias escolas e movimentos literários, os processos estilísticos dos autores, etc.

O ensino da gramática só terá lugar no fim, depois de superadas tôdas as dificuldades de vocabulário, interpretação, análise e ortografia. Ele virá assim como remate ou coroação do trabalho da aprendizagem.

OS EXERCÍCIOS ESCRITOS : REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E ANÁLISE LITERARIA

Os exercícios escritos são outro meio eficiente, de que deve lançar mão o mestre, no ensino do idioma. É necessário que o aluno se familiarize, desde cedo, com a expressão escrita. Nem se julgue que isto seja tarefa fácil. A língua escrita não tem os mesmos recursos expressivos, utilizados pela falada, como a voz, o gesto, os movimentos da face. Disso resulta que, quem escreve, deve ter, ao seu dispor, um vocabulário mais rico e mais amplos meios de expressão, para provocar nos outros as reações que deseja.

É mister que os exercícios, tanto escritos como orais, sejam sugeridos pela leitura. Ela deve ser a fonte motivadora de toda a aprendizagem da língua. O ensino puramente livresco, teórico, tal como se praticava em épocas passadas, está proscrito da moderna pedagogia.

Esta espécie de trabalho escolar poderá ser executada individual ou coletivamente, mas em um e outro caso, convém que a sua realização se processe na aula, em presença do professor, a quem compete orientar o aluno, ajudá-lo em suas dificuldades e esclarecê-lo em suas dúvidas. A participação do mestre, entretanto, deve ser discreta, comedida, de maneira que não tire ao aluno o espírito de iniciativa, nem o mérito do esforço para superar as questões difíceis.

Há exercícios destinados a aferir os conhecimentos parciais de gramática, vo-

cabulário e ortografia, mas há outros de âmbito geral, que abrangem todos estes aspectos, ao mesmo tempo, e que visam a avaliar a capacidade do aluno no que respeita ao manejo da língua escrita.

Nestes exercícios, estão compreendidas a redação, a composição e a análise literária. Para êles, deverá convergir tóda a atenção do professor. Tais exercícios constituem "uma espécie de pedra de toque para a verificação do grau de madureza da personalidade do educando". Além disso, fornecem ao mestre preciosos elementos para aquilatar da sua sensibilidade e faculdade criadora. Dêles também se podem extrair preciosos dados para a sua orientação profissional. Representam, em síntese, tódas as noções hauridas através da gramática e do vocabulário, somadas aos conhecimentos colhidos pela experiência pessoal do aluno.

Fala o programa em redação e composição. Não diz em que consiste uma e outra. Não é fácil estabelecer uma distinção entre as duas espécies. Há pontos de contactos tão íntimos entre elas que não se pode dizer, com exatidão, qual o objeto específico de cada uma.

Há uma tendência fundamentada na linguagem comum, para considerar redação a expressão escrita de assuntos práticos, de interesse imediato ou de pouca extensão. Por isso se diz "redigir um ofício, um requerimento, uma circular, uma portaria, um despacho", como se diz igualmente "redigir um telegrama, um bilhete, uma nota, uma frase". Entretanto, convém frisar que se emprega também a palavra 'redação' para designar o exercício de "pôr por escrito o material recolhido no ato da invenção e da disposição". Tem a composição por objeto assuntos mais nobres, que põem em jôgo as mais altas faculdades do espírito, como a inteligência, a imaginação e a memória. Ela tanto pode ser escrita como oral, o que não acontece com a redação, que sempre supõe o emprêgo dos caracteres gráficos.

O progresso na arte de escrever é lento e gradual. A posse dos meios de expressão é o resultado de longos e

pacientes esforços. Muito trabalho mental se despenderá, muita tinta correrá, muito papel será gasto, antes que alguém consiga transmitir, com justeza, o que se passa em seu mundo interior. Para evitar o verbalismo ôco, a ausência de conexão nas idéias e a falta de seqüência lógica nos pensamentos, faz-se mister que o professor acostume o aluno a organizar o seu pensamento, antes de se pôr a escrever. Sem isso, jamais conseguirá êle fazer uma boa composição. Já diziam os latinos: *rem tene et verba sequentur*. Nunca o aluno inicie uma frase sem saber como há de terminá-la.

A pressa ou preguiça mental são os principais fatores dos ilogismos e disparates, que freqüentemente se deparam nas composições dos estudantes.

Como exercícios fáceis para desenvolver os recursos de expressão, são aconselháveis os seguintes:

- a) formação de frases simples, com aplicação do vocabulário estudado;
- b) substituição de umas frases por outras de estrutura diversa, mas de sentido equivalente (orações subordinadas por coordenadas, de verbo ativo por passivo, de reduzidas por subordinadas com os respectivos conectivos, e vice-versa);
- c) conversão de períodos compostos em simples.

Outros exercícios, não menos importantes, de que se colherão igualmente bons resultados, são: resumos de leituras feitas extra classe, interpretações ou paráfrases de trechos curtos, conversão de pequenas poesias líricas em prosa, correção de trabalhos executados pela classe, etc.

Na escolha dos temas para a composição, deve o mestre procurar assuntos interessantes, que captem, desde logo, a simpatia do estudante. Nunca se lhe dará, em hipótese alguma, como tema, assunto que ultrapasse a sua experiência ou se sobreponha à sua capacidade de apreensão. É o que por outras palavras aconselha Lombardo Radice: "ninguna composición deve sobrepasar el ambito de la experiencia del escolar".

Despertam-lhe a simpatia, principalmente nas primeiras séries do curso ginásial, as composições do gênero narrativo: pequenos contos, historietas, apólogos, parábolas, etc., cujos modelos deverá encontrar no próprio livro de classe.

As composições do gênero descritivo virão logo depois. Estas exigirão d'ele maior esforço de concentração. Um ou outro pormenor, necessário para melhor complementação do quadro ou cena, poderá escapar-lhe, se a sua atenção não estiver inteiramente voltada para o tema.

Os assuntos do gênero descritivo, que mais interessam ao estudante e lhe provocam o entusiasmo, são os que versam sobre a terra natal, o bairro em que vive, a escola que frequenta, a casa onde mora, os esportes que pratica, as diversões que aprecia, as leituras de que gosta, etc.

Outro gênero de trabalhos escritos, em que urge se exercite o aluno, é o epistolar. Nenhum, talvez, lhe seja no futuro, de mais proveito, em qualquer situação da vida, que êle. Com efeito, inúmeras serão as ocasiões em que as circunstâncias o forçarão a comunicar-se a distância. As cartas podem ser de várias espécies: cartas familiares, cartas sociais, cartas doutrinárias, cartas de negócios, etc. Há uma técnica especial na elaboração da correspondência epistolar. Não se pode usar em tôdas a mesma linguagem, nem o mesmo tratamento. Cabe ao mestre orientar o aluno em cada caso.

O professor terá o cuidado de ler ou mandar ler antes, para modelo, uma composição em qualquer desses gêneros, tirada do próprio livro de classe, que a deverá conter, pedindo ao aluno que a reproduza pelas próprias palavras, por escrito. Como já foi dito, a assistência do mestre se faz necessária em tôdas as fases do trabalho escolar. É aconselhável que essa reprodução se faça no quadro negro, permitindo assim a tôda a classe acompanhar o seu desdobramento até o final. Isso facilitará a correção, para o que convém solicitar a colaboração da turma. Por essa ocasião, se atentará para as imprecisões ou falha

na reprodução, para as deficiências de vocabulário e para os erros de linguagem.

O primeiro passo é, pois, dado com o auxílio do modelo. É a fase da imitação. Depois, à proporção que o aluno adquire maiores conhecimentos e experiência no manejo da língua, se proporão temas, sem modelo, mas não sem lhe dar antes uma orientação geral ou ligeiras sugestões de como deverá executar o trabalho. Finalmente, se deixará, a seu cargo, tôda a execução da tarefa, e só haverá a intervenção do mestre, quando fôr reclamada.

Nas composições livres, obtêm-se excelentes resultados, quando se deixa à classe a sugestão do tema. Nada agrada tanto ao aluno como escrever sobre assunto de sua preferência. É fato sabido que só fazemos bem o que nos causa prazer. Entretanto, pode acontecer que o título sugerido não satisfaça a maioria da classe. Neste caso, os alunos poderão ser distribuídos em grupos, de acôrdo com as inclinações manifestadas por êste ou aquêle tema. Convém ressaltar, entretanto, que essa prática não deve ser observada por ocasião das provas de verificação da aprendizagem, como as mensais ou parciais, em face da dificuldade que terá o professor para a adoção de um critério uniforme.

As dissertações só serão exigidas, quando o aluno tenha atingido uma soma maior de conhecimentos e experiências, não só dos fatos relativos à Língua como às ciências, que lhe permitam discorrer, com desenvoltura, sobre os assuntos propostos. Isso geralmente ocorre no curso colegial, em que a idade, o hábito de pensar e refletir lhe conferem a necessária maturidade de espírito.

Embora a análise literária, outra espécie de exercício constante do programa, possa ser iniciada na quarta série ginásial, em que se consagram alguns pontos ao estudo da linguagem figurada e afetiva, é principalmente no curso colegial que se lhe deve dar maior amplitude. Não basta ao aluno apreciar a natureza da obra, o plano, o desenvolví-

mento e a linguagem. Num exame mais minucioso e profundo, cabe-lhe interpretar o pensamento do autor, atentar para os seus processos estilísticos, ressaltar a idéia básica que presidiu à elaboração da obra, depois as idéias e pensamentos secundários, verificar se a forma está adequada ao conteúdo, finalmente examiná-la em seu conjunto, em consonância com a época ou com a escola, para que possa formular, a seu respeito, um juízo crítico seguro.

Em resumo, um excelente programa de exercícios, para possibilitar ao aluno o domínio da língua escrita, deve abranger tôdas as formas abaixo relacionadas:

- a) *narrações*: historietas, fábulas, apólogos, parábolas, anedotas, biografias, etc.;
- b) *descrições*: paisagens, cenas, tipos, retratos, etc.;
- c) *cartas*: sobre os assuntos mais variados, a colegas ou amigos, aos pais ou pessoas da família, aos mestres, etc., com tratamento diferente;
- d) *dissertações*: sobre assuntos literários, científicos, morais, econômicos, etc.;
- e) *análise literária*: a propósito de obras ou trechos lidos.

A GRAMÁTICA

Conceito errado desta disciplina formará quem julgue que as suas regras são estabelecidas pelos gramáticos *a priori*, arbitrariamente, e depois impostas ao uso geral. Esta falsa opinião foi motivo para o descrédito da gramática entre os autores do passado e, ainda em nossos dias, se encontra, apesar de tudo, quem a despose. As regras formuladas, sem fundamentação nos fatos da língua, estarão sujeitas ao mais franco repúdio. Já se tem dito e repetido, desde Herder, que não se aprende a língua pela gramática, mas a gramática pela língua.

Nasce a gramática da observação dos principais fatos da língua. A experiência nos mostra que a existência desta precede a da gramática. As suas regras são inferidas pelo método indutivo, da prática da generalidade dos autores, ti-

dos como bons modelos. A gramática nada mais faz que sistematizar êsses fatos, para que mais prontamente sejam assimilados. Nem se pense que ela pode abranger a língua em tôda a multiplicidade de seus aspectos. Por mais volumosa que seja, jamais será possível enfiá-los todos em suas páginas. Quem quiser mais amplos conhecimentos do idioma, como meio de comunicação, é mister que se aplique a compulsar a obra dos bons autores. Só em contacto direto e diuturno com a língua, através dêles, poderá o estudioso dominá-la.

Disso se conclui que a lição de gramática deve estar sempre baseada no texto. Do conteúdo dêste é que o mestre extrairá o assunto para a lição do dia. É necessário, por conseguinte, que êle encerre uma certa riqueza de fatos, condizentes com a matéria gramatical, que vai ser exposta. Cumpre ao professor, pois, selecionar previamente o texto que melhor satisfaça aos objetivos da sua aula. Um mesmo texto poderá servir a vários propósitos. Mas deve-se ter sempre o cuidado de não insistir nesta prática, porque a falta de interesse, que desperta no aluno o texto já conhecido, concorrerá para prejudicar a aquisição de novos conhecimentos gramaticais. Por isso, aconselha-se a variar a leitura.

O ensino de Português, como de qualquer língua viva, deve ser ministrado de maneira que se habilite o aluno tanto no manejo da língua escrita como da falada. A utilização desta, na vida prática, é bem mais freqüente que a daquela. A primazia, portanto, deveria caber à língua falada. Mas não se trata aqui de primazia. O que se quer é que haja a mesma preocupação do mestre no ensino de ambas as modalidades da Língua, o que geralmente não se verifica.

No estudo gramatical, não deve haver preferência para a utilização de textos em prosa ou em verso. Ambos se podem ajustar perfeitamente aos propósitos do mestre, desde que apresentem o material necessário à fácil exploração do objetivo da aula. Contudo, as poesias oferecerão possivelmente mais vasto campo ao professor para o estudo da linguagem figurada que a prosa.

A metodologia da linguagem nos ensina a maneira de utilizar o texto para fins gramaticais. Suponhamos que o assunto programado para a aula do dia seja 'a flexão de gênero dos nomes'. O texto deverá ter sido previamente selecionado, em consonância com o fim proposto. Após a leitura e as explicações necessárias sobre vocabulário, ortografia, etc., urge repetir, — a lição de gramática convém que venha em último lugar —, determinará o mestre ao aluno que faça uma lista, no quadro negro, de todos os substantivos que apareçam no trecho lido, apondo-lhes o respectivo gênero (os adjetivos serão estudados em outra aula). Logo será fácil ao estudante tirar uma conclusão, e é que o conhecimento do gênero dos nomes é dado pela sua terminação e pela sua significação: assim, sabe-se que *pinho* é masculino pela terminação; *mulher* é feminino pela significação. Em seguida, uma nova conclusão se imporá ao seu espírito: a dualidade de gênero é uma propriedade dos seres animados.

Só excepcionalmente as coisas podem apresentar variações de gênero, designando, neste caso, o masculino idéia mais precisa e específica; o feminino, mais geral e vaga: *o lenho — a lenha, o barco — a barca, o ramo — a rama*; ou sentido diferente: *o capital — a capital, o guia — a guia, o cura — a cura, o lente — a lente*.

Entretanto, não estaria completo o estudo do gênero. Faz-se mister conhecer os vários processos de que se utiliza a língua para formar o feminino. Para isso, determinará o mestre que se destaquem da lista geral os nomes dos seres sexuados, distribuindo-os em várias listas, de conformidade com o seguinte critério: numa primeira, figurarão os que formam o feminino pela mudança da desinência *-o* em *-a*: *pato — pata, gato — gata, lobo — loba*; numa segunda, serão arrolados os que tomam no feminino terminações especiais: *embaixador — embaixatriz, consul — consulesa, poeta — poetisa*; numa terceira incluir-se-ão os que, tendo a mesma forma para os dois gêneros, indicam o feminino pelo

artigo ou outra palavra (adjetivo, pronome) no feminino: *o artista — a artista, bom estudante — boa estudante, este colega — aquela colega* (comuns de dois); numa quarta, figurarão os que, com a mesma forma genérica, tanto representam uma pessoa do sexo masculino como feminino: *o cônjuge, o verdurego, a testemunha, a vítima* (sobrecomuns); numa quinta, aparecerão os nomes de animais, que, tendo um só gênero, masculino ou feminino, podem aplicar-se aos de gênero oposto: *o jacaré, o tigre, a onça, a cobra* (epicenos ou promiscuos) — se há, entretanto, necessidade de especificar o sexo, basta que se lhes junte a palavra *macho e fêmea*: *jacaré macho — jacaré fêmea ou o macho do jacaré — a fêmea do jacaré, cobra macho — cobra fêmea ou o macho da cobra — a fêmea da cobra*; numa última, incluir-se-ão os nomes, cujo feminino é formado por palavra inteiramente diferente do masculino: *homem — mulher, boi — vaca, cordeiro — ovelha* (heterônimos).

O trabalho, feito no quadro negro, deverá depois ser reproduzido pelo aluno no caderno de aula.

Um só trecho de leitura dificilmente apresentará abundância tal de nomes, que permita a sua distribuição por tôdas estas listas, da maneira aqui sugerida. Mas convém esclarecer que o trabalho deverá prosseguir em outras aulas, à propósito de novas leituras. Assim, poderão ser encontrados elementos que não só integrem as várias listas, mas também que as enriqueçam grandemente, à proporção que outros nomes forem aparecendo em leituras subseqüentes, levadas a efeito na classe. Também é costume atribuir-se ao aluno, como tarefa externa, o encargo de ampliar as várias listas, com novas contribuições, resultantes de leituras próprias ou de consultas ao dicionário.

Os nomes que constituem a segunda lista poderão ser desdobrados em outras, de acôrdo com a sua terminação. Neste número se acham os terminados em *-ão*, que apresentam uma grande variedade de tipos: *aldeão — aldeã, figurão —*

figurona, leitão — leitoa, barão — baronesa, cão — cadela, ladrão — ladra, lebrão — lebre, perdigão — perdiz.

A dificuldade maior é constituída pelos nomes da última lista, ou seja, os que indicam o feminino por meio de palavras desconexas. Cumpre, entretanto, não levar essa pesquisa ao exagêro. É preciso não esquecer que o uso da língua visa a satisfazer as necessidades de comunicação. Mas que vantagem haverá em conhecer certos femininos difíceis, que jamais haverá ocasião de empregar? É necessário que tais bizantinices desapareçam, de uma vez por tôdas, do ensino da língua.

LITERATURA

O objetivo do estudo desta matéria é preparar o aluno para apreciar as qualidades estilísticas dos autores, considerados padrões, despertar e desenvolver nêlo o gôsto das boas leituras e a admiração pelos grandes escritores de Língua Portuguesa. É claro que isso só poderá acontecer através da leitura de textos adequados, que servirão como centro de interesse.

A história da literatura portuguesa será considerada na 2.ª série do curso clássico, em linhas gerais, sem minúcias. Então se estudará a sua divisão em períodos, conseqüentes da ocorrência de grandes acontecimentos políticos e sociais, do aparecimento de novas idéias filosóficas e revoluções artísticas, que tenham imprimido uma nova direção aos espíritos, tendente a uma mudança de atitudes e de ideais. Da apresentação diferente dêstes fatos pelo historiador ou crítico, poderá resultar a adoção de critério também diferente, que os leve a antecipar, dilatar ou mesmo suprimir algum dêles. O mestre aproveitará a ocasião para esclarecer as dúvidas, firmar pontos de vista, tomando êle próprio partido por esta ou aquela divisão, deixando, entretanto, à classe, a liberdade de opção.

Em seguida se passará ao estudo das escolas e correntes literárias, cabendo ao professor explicar-lhes as origens, os caracteres específicos e, ao mesmo tempo,

indicar os principais representantes de cada uma delas. Entre êstes, escolherá os que deverão ser mais detidamente estudados no correr do ano. Deixará ao aluno a liberdade de escolha, sempre que se trate de pesquisa ou crítica, que lhe caiba executar, como tarefa escolar.

No estudo da literatura brasileira, que é matéria da 3.ª série colegial, convém não isolá-la das outras, que se criaram e desenvolveram no continente americano. Há pontos comuns entre elas, que impende ressaltar, principalmente com referência às hispano-americanas.

Depois das noções preliminares sôbre o meio físico, o homem, o momento, é forçoso voltar as vistas para a catequese dos índios, a colonização européia, a penetração no interior, a erupção do espírito nativista, as lutas pela independência, etc.

Abrir-se-á aqui um parêntese para a apreciação da obra civilizadora que os jesuítas realizaram nesta parte da América. Para imortalizá-los, bastaria que se evocasse a epopéia da catequese. Mas não ficariam aí. Foram êles os primeiros mestres do Brasil nascente. Em torno da pequena escola por êles fundada ou do aldeamento de índios que chamavam à civilização, nasceram e se desenvolveram muitas das atuais cidades brasileiras. Não esquecer que foi Anchieta quem escreveu a primeira gramática e o primeiro vocabulário da língua brasileira, nem que o padre Antônio Vieira mereceu, com justiça, ser considerado o maior orador de seu tempo.

No período colonial, não tínhamos independência literária, como também não a tínhamos política e econômica. Neste período, importa estudar a literatura brasileira em comparação com a portuguesa, porque era a mesma a sua orientação. Os primeiros escritores que falam da terra, com raras exceções, são portugueses, simples viajantes uns, outros já aqui domiciliados, os quais, impressionados pelas maravilhas que contemplavam, não conseguem esconder o seu entusiasmo, derramando-se nos mais francos louvores a ela.

Não houve, na antiga colônia, escolas superiores, até a independência. Só muito tarde, com a vinda de D. João VI, é que se criaram alguns estabelecimentos de ensino superior ou órgãos difusores da cultura, como a escola médico-cirúrgica, a academia de marinha e a *Biblioteca Real*. Data dessa época também a criação da *Imprensa Régia*, que assinala o advento da imprensa no Brasil. Antes, as famílias abastadas mandavam seus filhos a Portugal estudar. De lá voltavam eles imbuídos das mesmas preocupações artísticas, dos mesmos ideais literários, que se nutriam da rica e abundante seiva clássica. A Língua nada tinha que pudesse apresentar de propriamente americano, afora os vocábulos novos, resultantes de sua implantação no novo meio. É mister, entretanto, atentar para o sentimento nativista, que começa a aparecer, a princípio timidamente, para depois firmar-se de modo definitivo. Ele se revela na preferência dada aos temas, que focalizam a terra, os homens, os fatos e as coisas do Brasil. Exemplos eloqüentes disso são a *Ilha da Maré*, de Manoel Botelho de Oliveira; a *Descrição da Ilha de Itaparica*, de fr. Itaparica; o *Uruguai*, de José Basílio da Gama; a *História da América Portuguesa*, de Rocha Pita.

A independência política trouxe-nos também a literária. Esta coincide com a implantação do Romantismo entre nós. A influência desloca-se então de Portugal para a França, a Inglaterra e a Alemanha. Deixamos de receber o influxo da antiga metrópole para receber o destes países. À mingua de motivos medievais para explorar literariamente, alguns escritores nossos voltam a sua atenção para o índio, que introduzem na literatura. É esta a feição característica que o novo movimento literário toma no Brasil.

A partir dessa época, passa a França a exercer a liderança do pensamento no mundo moderno, principalmente latino. Todos os movimentos de idéias ou de renovação estética, que lá surgem, têm a sua repercussão deste lado do Atlântico. Aparecem assim novas escolas e novas

correntes literárias, como o realismo, o simbolismo, o modernismo, etc., cujas origens, traços característicos e principais representantes deverão ser focalizados pelo mestre, com o apoio na leitura feita da obra ou excerto respectivo.

Já se poderão, a esta altura do programa, exigir do aluno, agora mais experiente e amadurecido, observações mais profundas e apreciações mais completas sobre fatos literários, autores e obras. Ademais, é de toda conveniência que o professor, de quando em quando, reúna a classe em seminário, para debates de temas, que serão previamente escolhidos, a fim de haver tempo para a consulta às fontes de informação e a coleta de dados pertinentes ao assunto. Do choque das opiniões, poderão surgir novas luzes, que ponham termo às dúvidas e permitam um julgamento definitivo da matéria examinada.

A par da apreciação de obras e autores, a que os alunos não raro se deixam arrastar por opiniões já assentes de críticos, cumpre que lhes sejam propostos temas gerais, que os forcem a pesquisas e que os obriguem a dar livre expansão às suas qualidades de observador e analista.

Poderão servir de temas de estudo, relativos à literatura portuguesa, estes ou outros semelhantes:

1. O Renascimento em Portugal.
2. A repercussão dos descobrimentos marítimos na literatura portuguesa.
3. A renovação do lirismo português no séc. XVI.
4. O teatro popular português.
5. Escritores moralistas e místicos portugueses.
6. O barroquismo na literatura portuguesa.
7. As academias literárias.
8. Influências estrangeiras na literatura portuguesa.
9. O romance histórico em Portugal.
10. A Questão Coimbrã e suas consequências.
11. A crítica literária em Portugal.
12. Tendências da moderna literatura portuguesa.

Para trabalhos de literatura brasileira, poderão ser sugeridos os seguintes temas :

1. O nativismo dos escritores da época colonial.
2. O indianismo na literatura brasileira :
 - a) na poesia romântica;
 - b) na prosa romântica.
3. A influência do pensamento europeu :
 - a) na obra dos nossos poetas;
 - b) na obra dos nossos prosadores.
4. O teatro nacional : suas características e principais representantes.
5. A poesia popular no Brasil.
6. O folclore no Brasil : contos e lendas indígenas e africanas.
7. O regionalismo no romance, no conto e na poesia.
8. As tendências da literatura moderna brasileira.
9. A história do jornalismo no Brasil.
10. A história da crítica no Brasil : a crítica no passado e nos tempos atuais, seus principais representantes.

AS PROVAS PARCIAIS ESCRITAS : MATÉRIA, ORGANIZAÇÃO E JULGAMENTO

As provas parciais são destinadas à verificação da aprendizagem. São em número de duas, correspondendo aos dois períodos letivos. Deverão abranger toda a matéria lecionada : a primeira, a matéria do primeiro período; a segunda, a dos dois períodos letivos.

As questões da prova escrita deverão ser formuladas claramente, de maneira que se evite qualquer explicação do professor ou pedido de informação do aluno.

É necessário que ela não exceda a capacidade do nível médio da turma. Cumpre ao professor ter toda a sua atenção voltada para isso, no momento de elaborar as questões.

Constará a prova escrita de três questões :

a) a primeira será uma redação ou composição sobre assunto inteiramente novo, escolhido no momento, de uma lista de 10 ou 20 pontos, de conformidade com o período letivo, em que se apreciarão os erros de linguagem, as impropriedades de vocabulário, as freqüentes repetições de palavras, as falhas de pontuação, a pobreza de idéias, a falta de ordem na disposição destas e na conexão dos pensamentos;

b) a segunda focalizará assunto gramatical, tratado em aula; a verificação da aprendizagem será feita através de um texto novo, que se preste igualmente à apreciação do vocabulário e da ortografia;

c) a terceira versará sobre análise léxica e sintática, com assunto fornecido pelo mesmo texto, de maneira que uma sirva de auxiliar à outra, devendo incidir ambas, sempre que possível, de preferência sobre idêntico elemento da frase. A análise sintática terá por objeto um período, não muito extenso, simples ou composto, de acordo com a série respectiva, ou classificação de orações e função de termos isolados. A léxica só será exigida até a segunda série do curso ginasial.

No julgamento da questão a), cumpre também levar em conta a imaginação, o desenvolvimento harmônico e adequado do assunto, e a originalidade na maneira de apresentar as idéias e os pensamentos.

Na 2.^a e 3.^a série do curso colegial, em vez das questões acima, constará a prova escrita : a) de uma dissertação sobre assunto escolhido no momento; b) de questões de literatura, baseadas num texto não visto em aula; c) de análise literária, com fundamento no mesmo texto.